

# CRÔNICA

## O POÉTICO

(Fragmentos de uma manhã contemplativa,  
para homenagem terna à escritora Dora  
Ferreira da Silva)

“Gesang ist Dasein” (o canto é existência)  
RILKE

**João Francisco Regis de Moraes**  
Instituto de Filosofia - PUCCAMP

Será isto mesmo? Eu penso que o discurso poético é a teimosa recuperação do sagrado na banalidade do instante. Mistério que habita os músculos da palavra, o canto encanta o que o grande mercado barateia e desencanta. (Ora, amigos, mas que arregalações são essas quando se fala do sagrado?). Há anjos. Anjos que triangulam entre a paixão dos frutos terrestres e a cor infinita das alturas, testemunhas do infeliz Ícaro que foi destruído pelo seu exato excesso de felicidade. Quem não amar o sol e procurar ganhá-lo, quem não souber o sabor de paixão dos frutos da terra profunda, está longe dos anjos — das silenciosas testemunhas de Ícaro. Entre o pensamento e o absoluto, brilham as imagens nas quais os anjos se deitam para que o “canto seja existência”.

Não há nenhum discurso muito lógico ou científico sobre o poético que deva merecer respeito. Como a lógica rasga a página mágica da intuição e a ciência desencanta as únicas perplexidades pelas quais vale a pena viver, nada fica para ser dito “sobre” a fala poética. Maiakóvski, por exemplo, já dizia que a versificação é uma coisa que se inventou para ensinar não-poetas a se fazerem passar por poetas aos olhos dos imbecis. O russo conhecia o avesso do tapete, aquele lado em que a beleza lisa e ordenada se faz sustentar por fios, entrançados e pontas de fios grossos desorganizadas. Ele tinha o seu sagrado do jeito que lhe foi possível. A beleza do avesso, misteriosa.

Mistério que habita os músculos das palavras, a poesia, a mais modesta, convida seu leitor ao espanto das coisas que se encontram antes e depois da própria palavra. Um dia escrevi:

“Meu jeito sexual  
de olhar as rosas  
é a imagem de Deus  
lambendo o mundo”.

O que se encontra na raiz do sexo, como antes já se encontrara na raiz da raiz da vida? Mistério. Chamemos como quisermos. Deus, Vazio (do Zen, que é perfeição), Soberana Energia Cósmica. Não vai importar o nome que dermos. O poeta, crente ou incrédulo, sabe sempre que Deus nunca estará morto. E Deus sobrevive aos boatos sobre a sua morte.

**Misterium tremendum**, que arrepiava de susto nossas raízes. **Misterium fascinans** que, tocando a libido mais telúrica, atrai o melhor de nós a si. Mistério: o **totalmente outro**, no qual me integro, mas quem eu não sou nem nunca poderia ser. Ai a grande poesia distraída de Rudolf Otto. Mistério que é **majestas**, exorbitando tanto a vida humana. O poético resulta do encontro entre o desejo e o mistério, num clima de trapaça literária em que nossas formas mais subterrâneas passam, luminosas e coloridas de sol, ante as barbas do superego.

Lá, naquela altura à beira de um bosque italiano está Rilke, olhos ressentidos, espiando para nosso mundo de máquinas gulosas. Diz: "Os acontecimentos da existência que designamos com o nome de "aparições", tudo quanto convencionalmente chamamos "mundo dos espíritos", a morte e todas essas coisas que nos são estreitamente aparentadas, uma recusa cotidiana expulsou-a tão bem da vida, que os sentimentos capazes de percebê-las se atrofiaram. E não falemos em Deus" (**El testamento**). E continua: "Olhai a máquina: como ela rodopia e se vinga, desfigurando-nos e enfraquecendo-nos". O que nos enfraquece? o que nos desfigura? a máquina? só ela com seus rodopios? Não. Todo o trabalho de negação do mistério do qual ela é a tradução.

Os políticos, bocas escancaradas, pedem transformações. As religiões hoje querem, a todo preço, "caminhadas" em direção de novas realidades sociais. Todo mundo clama por um outro mundo, outra vida. No entanto, transformação é coisa de tarefa poética. A transfiguração da dor em arte de viver, a transfiguração do visível em invisível; do soluço em consolação... tarefas do fazer poético, que se monta em discurso utópico. Há um livro em que são mostradas várias fotos em seqüência: do bloco rude de mármore ao ato final do trabalho do escultor. Verdade mesmo: vemos, como comentou Dora Ferreira da Silva, a poetisa, **o mármore arrepiar-se ao sopra criador**.

N'A República (é ainda Dora quem me lembrou) Platão revela muito medo dos poetas — e ele era, que ironia, um poeta — dizendo, noutras palavras, que os poetas conhecem a força mágica das palavras e... o vocábulo exato e adequado, pejado dos magnetismos dos sonhos humanos, é um perigo explosivo. Sabedor de tais coisas é que Gide afirmou que "Uma nação sem poetas é uma nação sem esperanças".

Rilke (e mais uma vez Rilke), aferrado ao Mistério, conversando com ele como quem pede desculpas:

"Se eu tivesse nascido em qualquer parte  
onde há dias mais leves e horas mais esbeltas,  
teria inventado para ti uma grande festa,  
e as minhas mãos não te segurariam assim,  
como por vezes te seguram, medrosas e duras."

(Livro de horas)

E não se pense que quando o poeta trata do cotidiano mais simples ele pode dispensar o avesso sustentador. Apenas, o Mistério, num gesto de discrição e delicadeza, deixa-se ficar por trás da cortina. É o que está no poema-prosa de Ester May Walker, **Bem-aventurança do Idoso**, amado por nosso sempre presente Tristão de Athayde:

"Bem-aventurados são aqueles que mostram compreensão quando meus passos são incertos e minha mão treme.

Bem-aventurados os que compreendem que meus ouvidos nem tudo podem ouvir.

Bem-aventurados aqueles que aceitam que não enxergo bem e não posso acompanhá-los.

Bem-aventurados aqueles que fingem não notar que entorno e sujo coisas na mesa.

Bem-aventurados aqueles que param um momento para bater um papinho comigo.

Bem-aventurados aqueles que nunca dizem: você já contou isso...

Bem-aventurados aqueles que me deixam contar coisas do passado.

Bem-aventurados aqueles que me fazem sentir que me amam, que não estou sozinho.

Bem-aventurados aqueles que me respeitam quando tenho dificuldade em carregar a minha cruz.

Bem-aventurados os que me ajudam por sua bondade a encontrar o caminho para o Pai bondoso."

Eis aí o mistério brincando de claridade, pois ele detem todo o poder da luz e da sombra. Como também quando a mineira Adélia Prado escreve:

### **Casamento**

"Há mulheres que dizem:

Meu marido, se quiser pescar, pesque,  
mas que limpe os peixes.

Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,  
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,  
de vez em quando os cotovelos se esbarram,  
ele fala coisas como 'este foi difícil'

'prateou no ar dando rabanadas'  
e fez o gesto com a mão.

O silêncio de quando nos vimos a primeira vez  
atravessa a cozinha como um rio profundo.

Por fim, os peixes na travessa,  
vamos dormir.

Coisas prateadas espocam:

somos noivo e noiva". (Terra de Santa Cruz)

É assim que o discurso poético, não sendo nada entre os grandes da economia mundial, permanece; enquanto as "dexindexações" correm pelo ralo do banheiro do mundo, carreando o seu turvo.

Mas a fala poética não é isto ou aquilo. Ela resulta de um caso de amor que tenhamos com o todo. Há os que brincam de empilhar letrinhas, há os que charadeiam... e é bom que tudo isto haja. Há os que soltam "uma gota de sangue em cada poema", nas palavras do Mário de Andrade. E como descobrir, nisto tudo que se faz, a poesia? Como pegar e levantar ao sol o peixe prateado?

Isto só Orfeu, cantando entre os mortos do Hades, só Orfeu cuja voz parou — por única vez — os suplícios de Tântalo e Sísifo, poderá responder com divina competência. Dentro dos verdadeiramente vivos Orfeu vive cantando. Quanto a muitos de nós, que pena!, só continuamos tomando partido e defendendo arraiais com a cara ridícula dos fanáticos equivocados.